

SÉTIMO
CENTENÁRIO
DA MORTE
DO REI D. DINIS
1325-2025



CONGRESSO INTERNACIONAL "O REI D. DINIS NOS 700 ANOS DA SUA MORTE"

COMISSÕES DE HONRA, CIENTÍFICA E ORGANIZADORA
NOTAS BIOGRÁFICA
RESUMOS DE COMUNICAÇÕES

CONGRESSO INTERNACIONAL
O REI D. DINIS NOS 700 ANOS DA SUA MORTE

COMISSÃO DE HONRA

Presidência da Comissão de Honra

Sua Excelência a Senhora Ministra da Cultura, Mestre Margarida Balseiro Lopes

Presidente da Câmara Municipal de Odivelas

Dr. Hugo Martins

Presidente do Conselho Diretivo do Património Cultural, IP

Dr. João Soalheiro

Presidente da Museus e Monumentos de Portugal, EPE

Doutor Alexandre Pais

Chefe de Estado Maior do Exército

General Eduardo Mendes Ferrão

Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa

Professor Doutor Luis Anjos Ferreira

Senhor Diretor da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

Dr. Luis Filipe Santos

Presidente da Academia Portuguesa da História

Professor Doutor Miguel Monteiro

Presidente do Conselho Diretivo da CCDR LVT, I.P.

Arq.^a Teresa Mourão de Almeida

Sua Alteza Real,

D. Duarte de Bragança, Duque de Bragança

CONGRESSO INTERNACIONAL
O REI D. DINIS NOS 700 ANOS DA SUA MORTE

| COMISSÃO CIENTÍFICA |

Presidência da Comissão Científica

Vice-Presidente do Património Cultural, IP

Professora Doutora Ana Catarina Sousa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Professora Doutora Catarina Tente

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Professora Doutora Eugénia Cunha

Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Professor Doutor Hermenegildo Fernandes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professor Doutor José Augusto de Sottomayor-Pizarro

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Professor Doutor Luis Filipe Oliveira

Diretor do Laboratório José de Figueiredo - Museus e Monumentos de Portugal, EPE

Doutor Rui Câmara Borges

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Professor Doutor Mário Farelo

CONGRESSO INTERNACIONAL
O REI D. DINIS NOS 700 ANOS DA SUA MORTE

| COMISSÃO ORGANIZADORA |

Presidência da Comissão Organizadora

Vereadora da Câmara Municipal de Odivelas

Dra. Ana Isabel Gomes

Coordenação Geral

Diretor do Departamento de Desporto, Juventude, Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Odivelas (CMO)

Dr. Luis Gomes da Costa

Gabinete de Investigação e Promoção do Mosteiro de Odivelas da Câmara Municipal de Odivelas
(CMO/DDCT/GIPMO)

Mestre Sofia Correia de Matos

Património Cultural, IP

Dra. Maria Antónia Amaral

Museus e Monumentos de Portugal, EPE

Dra. Elsa Garrett Pinho

CMO/DDJCT/GIPMO

Dr. André Pereira, Doutora Ana Santos, Esmeralda Valério, Isabel Alexandre, Mestre Joana Varge,
Mestre João Fresco e Mestre Sara Silva.

CMO/GCRPP

Dr. Miguel Silveiro



Nota biográfica

Saul António Gomes é Professor Catedrático de História Medieval e de Paleografia e Diplomática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura da mesma Universidade. Tem desenvolvido investigação científica no campo do estudo das chancelarias reais e eclesiásticas e das materialidades e produção social da escrita em Portugal, assim como nos domínios da história religiosa medieval e moderna, particularmente a monástica, das instituições públicas e do poder régio e da história das comunidades locais, com destaque para a Região Centro. Integrou as comissões organizadoras de vários colóquios comemorativos dos 700 anos da morte de D. Dinis nomeadamente os promovidos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pela Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais. Dentre os estudos mais recentes que dedicou a D. Dinis e ao seu tempo histórico, destaca os seguintes títulos: Mosteiro de Odivelas. Documentos Fundacionais, Odivelas, Câmara Municipal de Odivelas, 2021 (Coordenação); “A extinção da Ordem do Templo em Portugal”, Revista de História da Sociedade e da Cultura, 11 (2011), pp. 75-116; “A Chancelaria Régia de D. Dinis: breves observações diplomáticas”, Fragmenta Historica - História, Paleografia e Diplomática, 1 (2013), p. 9-29; “As Capelas do rei D. Dinis”, Fragmenta Historica, 6, Lisboa, 2018, pp. 15-48; “D. Dinis e as Ordens Militares: algumas releituras”, Ordens Militares, Identidade e Mudança. Textos selecionados do VIII Encontro sobre Ordens Militares (Coord. Isabel Cristina Ferreira Fernandes), Vol. 1, Palmela, GEOS – Município de Palmela, 2019, pp. 359-380; “A assinatura do rei D. Dinis: observações para o estudo da chancelaria real portuguesa medieval”, Fragmenta Historica - História, Paleografia e Diplomática, 7 (2019), pp. 13-36; “A chancelaria real de D. Dinis: breves observações diplomáticas e paleográficas”, Mátia XXI N.º 14 / Número Especial Evocativo /Centenário do Nascimento do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Vol. I, CIJVS, 2025, pp. 327-412; “D. Dinis e o Alfageme de Guimarães”, Afonsina. VI. D. Dinis e Guimarães (2025), Guimarães, p. 31-46.

Resumo

Nesta comunicação, o autor propõe-se (re)visitar os desafios que enfrenta a pesquisa histórica em torno do (re)conhecimento de D. Dinis, indissociavelmente enquanto monarca e enquanto pessoa, perspectivado tanto no quadro de um questionário e de uma metodologia de abordagem já inaugurados por E. Kantorowicz (“Os Dois Corpos do Rei”, 1957), quanto numa revisitação às fontes documentais e tradições historiográficas que procuraram elucidar, no passado, os “rostos” e o “corpo” do quinto rei de Portugal.



Carla Varela Fernandes é docente (Professora Auxiliar) de Arte Medieval no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL. É Doutora em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2005), com tese subordinada ao tema - Iconologia da Família Real Portuguesa. Primeira Dinastia - Séculos XII a XIV, tendo sido bolseira da FCT. Foi bolseira da mesma instituição para a realização do Pós-Doutoramento, entre 2012-2017, anos em que desenvolveu trabalhos alusivos ao tema genérico Escultura figurativa portuguesa dos séculos XII a XIV e a produção escultórica coeva internacional. Tem participado em diversos projetos de investigação, nacionais e internacionais, como colaboradora e como investigadora. É Investigadora Principal do Seed Project Claustum – Convento de S. Francisco, no Instituto de História da Arte da NOVA FCSH, do qual é investigadora integrada.

Tem especial interesse pela escultura e iconografia medievais, em particular sobre as relações entre a escultura portuguesa dos séculos XII a XIV e a congénere noutros países, áreas que estão na base das participações (e organização) em muitos encontros científicos, coordenado publicações de livros e revistas, e publicação de estudos em Portugal e noutros países, em revistas científicas e capítulos de livros sobre diferentes temas. Foi Conservadora do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa), Coordenadora do Fórum Cultural de Alcochete, Chefe da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Cascais e Chefe de Divisão da Rota das Catedrais – Divisão de Projeto no Património Cultural I.P.

Resumo

O monumento funerário mandado fazer por D. Dinis para a sua sepultura constitui um modelo de vanguarda no contexto da tumulária régia portuguesa, pela sua dimensão, aparato, complexidade iconográfica e materialidade, contribuindo para a redefinição dos modelos dos túmulos régios subsequentes, bem como da aristocracia e das elites urbanas. Mais do que o lugar destinado à sepultura do monarca, esta encomenda artística pode ser entendida como uma construção da sua memória e como o epílogo glorioso de uma vida régia particularmente marcante no contexto da primeira dinastia portuguesa. Apesar da sua singularidade, permanecem em aberto numerosas questões relativas à conceção e execução do monumento, nomeadamente no que respeita à sua autoria, uma vez que nenhuma documentação conhecida permite esclarecer este aspeto. A ausência de fontes escritas não constitui, contudo, um impedimento à formulação de hipóteses e à problematização das questões que o próprio objeto coloca. A recente intervenção, que permitiu a abertura do túmulo, a exumação dos spolia e a realização de estudos e ações de conservação e restauro, trouxe novos dados para a compreensão do monumento e abriu novas possibilidades de leitura. Esta comunicação propõe, assim, retomar algumas das abordagens anteriormente desenvolvidas sobre o túmulo de D. Dinis, relendo-o a partir das nossas próprias reflexões ao longo do tempo, nos campos da leitura formal e iconográfica, e do cruzamento entre estas e os contributos de outros autores e de outras áreas científicas.

Abstract

The funerary monument commissioned by King Dinis for his own burial constitutes an avant-garde model within the context of Portuguese royal funerary monuments, owing to its scale, splendour, iconographic complexity and materiality, contributing to the redefinition of subsequent royal tombs, as well as those of the aristocracy and urban elites. More than simply the place intended for the monarch's burial, this artistic commission may be understood as a construction of his memory and as the glorious epilogue to a royal life of particular significance within the context of the first Portuguese dynasty. Despite its singularity, numerous questions concerning the conception and execution of the monument remain open, particularly regarding its authorship, since no known documentation provides clarification on this matter. The absence of written sources does not, however, preclude the formulation of hypotheses or the raising of questions prompted by the object itself. The recent intervention, which enabled the opening of the tomb, the exhumation of the spolia, and the undertaking of studies and conservation and restoration work, has provided new data for our understanding of the monument and opened up new possibilities for its interpretation. This paper therefore proposes to revisit some of the approaches previously developed concerning the tomb of D. Dinis, rereading it in the light of our own reflections over time, particularly in the fields of formal and iconographic analysis, and through the intersection of these approaches with the contributions of other scholars and of other scientific disciplines.



GERARDO BOTO VARELA

Faculdade de Letras da Universidade Girona - Precursoras de Odivelas.

Sepulturas régias ibéricas (1252-1327).

Gerardo Boto Varela es profesor de Historia del Arte Medieval en la Universitat de Girona y director de su Escuela de Doctorado. Desde 2011 codirige los coloquios internacionales *Ars Mediaevalis* y es editor de la revista *Codex Aquilarensis*. Asimismo, desde 2010 es investigador principal del grupo internacional de investigación TEMPLA, cuyo proyecto vigente, *Sedes Memoriae* 3, estudia las prácticas de conmemoración laica ante la presencia material de lo sagrado en catedrales y abadías de los reinos cristianos medievales hispanos. En 2026 ha coordinado, junto con el profesor Moráis, el catálogo de la exposición *Reina Ella. Urraca I de León (1109-1126)*. Este mismo año ha publicado, junto con la prof. Marta Serrano, el volumen *Weaving Memories in Medieval Cathedrals*, editado por Brepols, donde se propone por primera vez una interpretación de conjunto de los entramados memoriales en sedes episcopales europeas, desde Noruega y Chipre hasta Sevilla. Esta publicación culmina una extensa trayectoria investigadora dedicada a las catedrales hispanas y europeas, desarrollada en numerosos volúmenes colectivos publicados en editoriales internacionales como Brepols, Viella Editrice, BAR Publishing, Peter Lang y Fundación Santa María la Real. Há sido miembro del Consejo Científico del Campus des Humanités Paris-Condorcet. Es miembro de la Societat Catalana d'Estudis Litúrgics. Ha organizado o coorganizado más de sesenta encuentros científicos internacionales en España y en otros países europeos. Ha sido profesor e investigador invitado en universidades de Europa, Asia, Sudamérica y Oriente Próximo.

Resumen

La historiografía del arte medieval ha mostrado una persistente fascinación por los reyes y las reinas, así como por las estrategias desplegadas para garantizar la pervivencia de su memoria. En la Edad Media, la elección del lugar de enterramiento constituía una decisión de enorme trascendencia política, religiosa y simbólica. Los monarcas procuraban ser sepultados en espacios de especial prestigio, como catedrales o grandes monasterios, con el propósito de asegurar la continuidad de su recuerdo en el reino y en el seno de la comunidad de oración permanente, reforzando así la simbiosis entre memoria dinástica e intercesión espiritual. La ubicación concreta de la sepultura dentro del edificio eclesiástico poseía igualmente un profundo significado. A lo largo de la Edad Media, los lugares de enterramiento evolucionaron desde los atrios hacia las naves y, posteriormente, hasta emplazamientos privilegiados como el interior del coro. Sin embargo, las crónicas y los testamentos de la Iberia medieval, especialmente a partir del siglo XI, muestran que la elección inicial no siempre era definitiva. Reyes y reinas modificaron en numerosas ocasiones su voluntad funeraria para adaptarla a nuevas circunstancias personales, políticas o espirituales, así como a las transformaciones del panorama político y religioso. Los primeros estudios sobre estas cuestiones, desarrollados desde el siglo XIX, fueron construidos por la historiografía francesa y germánica. Sin embargo, en el siglo XXI resulta metodológicamente inadecuado seguir interpretando las realidades peninsulares desde modelos elaborados para los grandes reinos del centro y norte de Europa. No cabe continuar “colonizando” la Edad Media ibérica a partir de propuestas elaboradas desde dominios geográficamente centrales de Europa. La diversidad de los cementerios reales ibéricos no debe entenderse como una anomalía respecto al supuesto modelo de concentración y estabilidad representado por Francia o Inglaterra, sino como la expresión de una evolución política y territorial propia. La pluralidad de los cementerios regio ibéricos, su distribución geográfica y la variedad de instituciones eclesiásticas escogidas constituyen un fenómeno singular en el contexto europeo. Aunque Aragón y Navarra compartían principios políticos semejantes a los de los reinos occidentales peninsulares, desde el siglo XIV ambos consolidaron un único lugar de coronación y un cementerio dinástico estable. El cementerio de Odivelas se entiende mejor a la luz de los proyectos sepulcrales precedentes y coetáneos, desde Alfonso X de Castilla hasta María de Molina y Jaime II de Aragón. También será importante considerar qué factores motivaron que los soberanos ibéricos recurrieran a una diversidad de órdenes religiosas, sin parangón en otra región de la Europa medieval.

Abstract

Medieval art history has shown a persistent fascination with kings and queens, as well as with the strategies employed to ensure the survival of their memory. In the Middle Ages, the choice of a burial site was a decision of enormous political, religious, and symbolic significance. Monarchs sought to be buried in places of special prestige, such as cathedrals or large monasteries, with the aim of ensuring the continuity of their memory within the kingdom and within the community of perpetual prayer, thereby reinforcing the symbiosis between dynastic memory and spiritual intercession. The specific location of the tomb within the ecclesiastical building also held profound significance. Throughout the Middle Ages, burial sites evolved from the atria to the naves and, later, to privileged locations such as the interior of the choir. However, chronicles and wills from medieval Iberia, especially from the 11th century onward, show that the initial choice was not always

final. Kings and queens frequently modified their funeral wishes to adapt them to new personal, political, or spiritual circumstances, as well as to changes in the political and religious landscape. The earliest studies on these issues, conducted since the 19th century, were shaped by French and German historiography. However, in the 21st century, it is methodologically inappropriate to continue interpreting the realities of the Iberian Peninsula using models developed for the great kingdoms of central and northern Europe. We cannot continue to “colonize” the Iberian Middle Ages based on approaches developed from geographically central regions of Europe. The diversity of Iberian royal cemeteries should not be understood as an anomaly with respect to the supposed model of concentration and stability represented by France or England, but rather as the expression of a distinct political and territorial evolution. The plurality of Iberian royal cemeteries, their geographic distribution, and the variety of ecclesiastical institutions chosen constitute a unique phenomenon in the European context. Although Aragon and Navarre shared political principles similar to those of the western kingdoms of the Iberian Peninsula, beginning in the 14th century both established a single coronation site and a stable dynastic cemetery. The Odivelas cemetery is best understood in light of preceding and contemporary burial projects, ranging from Alfonso X of Castile to María de Molina and James II of Aragon. It is also important to consider what factors led Iberian sovereigns to turn to a diversity of religious orders, unparalleled in any other region of medieval Europe.



MARIA ANTÓNIA AMARAL

Património Cultural, IP



GUIDA CASELLA

Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa

Abordagem arqueológica ao ataúde do rei D. Dinis: arquitectura funerária, técnicas de construção em madeira e o contributo do desenho especializado.

Nota biográfica

Maria Antónia de Castro Athayde Amaral, doutoranda em Arqueologia pela Faculdade de Ciência Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é licenciada em História (variante arqueologia), post graduada na Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquia e em Arqueologia Romana, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Trabalha no Património Cultural, IP, desde 1991, tendo integrado a Comissão de Inventário do Património Móvel, do Ministério da Cultura, onde desempenhou o cargo de técnica superior na área centro, no Museu Nacional Grão Vasco, no Museu de Lamego e no Museu Machado de Castro.

Trabalhou na Direção Regional do IPPAR de Coimbra, no Igespar e na Direção Regional de Lisboa e Vale do Tejo onde desempenhou o cargo de Diretora do Departamento dos Bens Culturais.

Entre 2019 e 2023, desempenhou o cargo de Diretora do Castelo de S. Jorge, em Lisboa, e atualmente é Chefe de Divisão do Cadastro, Inventário e classificação do Património Cultural, IP.

Nota biográfica

Guida Casella é artista visual, ilustradora científica, investigadora e docente universitária, especializada no desenho como instrumento de observação, documentação e comunicação do património. É licenciada em Belas Artes (FBAUL) tem um Mestrado em Ilustração Arqueológica (Univ. Bath) e um Doutoramento em Media Digitais (FCSH-UNL Programa UT Austin_Portugal). É Professora Auxiliar Convidada de Desenho na Universidade de Lisboa, lecionando na Faculdade de Belas-Artes e no Instituto Superior de Agronomia.

Desde 1999 desenvolve trabalho de ilustração científica e documentação arqueológica em colaboração com arqueólogos, museus e instituições de investigação e património. Colaborou com o IPA, o IGESPAR, o CNANS e o PCIP em Portugal e com o Instituto Arqueológico Alemão (DAI). Entre os projetos mais relevantes destacam-se o Castro do Zambujal, onde desenvolveu durante 20 anos de trabalho de desenho de campo para o Instituto Arqueológico Alemão, e o levantamento arquitetónico do túmulo de D. Fernando I, no Museu Arqueológico do Carmo, que fez o para publicação da Doutora Carla Varela.

É neste contexto de experiência continuada em desenho aplicado à investigação arqueológica que se insere o atual trabalho sobre o túmulo de D. Dinis e o seu espólio funerário, centrado no levantamento e representação gráfica como ferramentas de análise e produção de conhecimento.

Resumo

Os resultados da intervenção arqueológica no túmulo de D. Dinis não se esgotam no projecto inicial. A reserva arqueológica que então se constituiu, resultante da recolha de integral dos depósitos identificados no interior da arca tumular, viabiliza, no presente e no futuro, o avanço de novas linhas de investigação e o delineamento de projectos transdisciplinares. Neste sentido, esta comunicação apresenta os resultados preliminares que visam contribuir para uma melhor compreensão do espólio identificado entre 2019 e 2024, bem como da organização do espaço funerário de uma personalidade régia e das práticas rituais que lhe estavam subjacentes.

No panorama nacional, a evidência de caixões em contextos arqueológicos manifesta-se maioritariamente de forma indireta. A rápida degradação de uma matéria orgânica altamente perecível como a madeira justifica a escassez deste vestígio no registo material, sendo a sua identificação habitualmente inferida através do alinhamento de pregos ou através de alinhamentos fósseis nos depósitos estratigráficos que assinalam a antiga presença da madeira. A este factor natural acresce a escassa atenção que, no passado, estes materiais mereceram, seja nas aberturas de túmulos, seja nas escavações de contextos funerários antigas, um cenário felizmente invertido na actualidade.

Assim, neste contexto, a excepcional conservação do ataúde de D. Dinis, na quase totalidade da sua arquitectura, assume-se como um caso de estudo de enorme relevância. Dada a complexidade do desafio, uma vez que o féretro se encontrava desarticulado e incompleto, revelou-se fundamental o recurso ao registo gráfico e, sobretudo, ao desenho arqueológico especializado.



EUGÉNIA CUNHA

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;

Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

O que a Antropologia nos conta sobre el rei D. Dinis.

Eugénia Cunha é Antropóloga forense e bióloga; Professora catedrática da Universidade de Coimbra desde 2003 e desde 2018 Professora catedrática convidada. Desde 2018 é diretora da Delegação do Sul do Instituto Nacional de Medicina legal e Ciências Forenses. Recebeu o Prémio de Carreira da American Association of Forensic Sciences em 2024 (T. Dale Stewart Award) e está entre os 2% de autores mais citados do mundo na área das ciências forenses.

Resumo

Serão apresentados os grandes objetivos do estudo antropológico do esqueleto do Rei D. Dinis assim como cada uma das etapas levadas a cabo por uma equipa multidisciplinar. Será feita uma apreciação crítica dos resultados destacando os melhores e comparando-os com os resultados esperados.



ASSUMPCIÓ MALGOSA

Grupo de Investigação em Antropologia Biológica da Universidade Autònoma de Barcelona)

Pedro III de Aragão, o Grande: Um Estudo Multidisciplinar Antropológico e Forense de um Rei Medieval.

Assumpció Malgosa Morera é Professora Catedrática de Antropologia Física na Universidade Autònoma de Barcelona (UAB), onde desenvolveu toda a sua carreira académica e científica.

Doutorada em Ciências Biológicas pela UAB, a sua investigação tem-se centrado no estudo das populações humanas do passado a partir da antropologia biológica, com uma marcada orientação multidisciplinar. Liderou o Grupo de Investigação em Osteobiografia (GROB), a partir do qual impulsionou projetos destinados a reconstruir o perfil biológico, as condições de vida, as relações de parentesco e o estado de saúde de populações antigas. A sua investigação integra metodologias de osteologia, paleopatologia, paleogenética, antropologia forense, tafonomia e análise bioquímica, aplicadas a contextos que vão da Pré-História à época contemporânea. Participou e liderou projetos singulares, como o estudo dos túmulos reais de Santes Creus, de túmulos gelados na Mongólia e de numerosos sítios arqueológicos. Uma parte particularmente relevante da sua trajetória tem estado ligada, desde o início dos anos 2000, à recuperação e identificação de vítimas da Guerra Civil e da ditadura, contribuindo para o desenvolvimento de protocolos de exumação e de identificação antropológica e genética na Catalunha e nas Ilhas Baleares. A sua atividade científica traduziu-se numa extensa produção de publicações, livros e capítulos, bem como na formação de numerosos investigadores de mestrado e doutoramento. Paralelamente, assumiu várias responsabilidades de gestão universitária na UAB, entre as quais a direção de departamento, o vice-decanato, diferentes delegações do reitor e, mais recentemente, o Vice-Reitorado de Investigação, conciliando assim a investigação e a docência com a promoção de políticas científicas e de apoio à comunidade de investigação. No contexto da comemoração do VII centenário de D. Dinis de Portugal, apresenta-se

o estudo multidisciplinar dos restos de Pedro III de Aragão, o Grande (1240–1285), contemporâneo da geração imediatamente anterior ao monarca português e uma das figuras fundamentais da expansão mediterrânica da Coroa de Aragão. Em 2010, a restauração do panteão real do Mosteiro de Santes Creus (Tarragona) permitiu investigar, pela primeira vez de forma integral, o túmulo de Pedro o Grande, excecionalmente conservado e nunca profanado. O projeto reuniu especialistas de diferentes áreas — antropologia, arqueologia, medicina forense, radiologia, genética, histologia, paleopatologia e estudo dos tecidos e materiais funerários — com três objetivos principais: caracterizar biologicamente o rei, investigar as causas e circunstâncias da sua morte e reconstruir o tratamento do corpo e o ritual funerário.

Resumo

O estudo antropológico revelou um homem robusto, com cerca de 1,75–1,80 m de altura e poucas alterações patológicas significativas. A investigação radiológica, histológica e paleopatológica identificou alterações pulmonares de natureza inflamatória ou infecciosa, embora não tenha sido possível estabelecer com absoluta certeza a causa da morte. As fontes históricas indicam que o rei adoeceu subitamente, com febre e progressivo enfraquecimento, falecendo em Vilafranca del Penedès na noite de 10 para 11 de novembro de 1285. A análise do corpo e dos materiais associados revelou ainda práticas complexas de preparação funerária: tratamento destinado à conservação do cadáver, utilização de plantas, corte e tingimento dos cabelos e da barba, vestimentas de qualidade e, posteriormente, uma segunda inumação. Em 1302, os restos foram transferidos para o novo túmulo de pórfiro, operação que implicou a reorganização e adaptação do corpo ao espaço funerário. Este estudo demonstra como a abordagem antropológico-forense, integrada com a arqueologia e as fontes históricas, permite recuperar aspetos da biografia, da morte e dos rituais funerários de um rei medieval.

Abstract

Presented within the framework of the commemoration of the seventh centenary of King Dinis of Portugal, this presentation examines the multidisciplinary investigation of the remains of Peter III of Aragon, the Great (1240–1285), one of the leading figures in the Mediterranean expansion of the Crown of Aragon.

The restoration of the royal pantheon at the Monastery of Santes Creus (Tarragona) in 2010 provided a unique opportunity to undertake the comprehensive study of Peter the Great's tomb, which had remained exceptionally well preserved and undisturbed. The research project integrated anthropology, archaeology, forensic medicine, radiology, genetics, histology, palaeopathology, and the study of funerary textiles and associated materials. Its main objectives were to establish the king's biological profile, assess the cause and circumstances of death, and reconstruct the treatment of the body and the funerary practices associated with his burial. Anthropological analysis identified a robust male, approximately 1.75–1.80 m in stature, with relatively few significant skeletal pathological changes. Radiological, histological, and palaeopathological investigations revealed pulmonary alterations compatible with inflammatory or infectious disease, although the available evidence did not allow a definitive cause of death to be established. Historical sources describe a sudden illness characterised by fever and progressive physical deterioration, culminating in the king's

death at Vilafranca del Penedès on the night of 10–11 November 1285. The study also documented complex post-mortem practices, including procedures aimed at delaying decomposition, the use of plant materials, grooming and dyeing of the hair and beard, and the use of high-quality funerary garments. The subsequent transfer of the remains to the new porphyry tomb in 1302 involved a secondary burial and the physical adaptation of the body to the new funerary structure. This case study highlights the value of integrating anthropological and forensic evidence with archaeology and historical documentation in reconstructing the life, death, and funerary treatment of medieval royalty.



RICHARD BUCKLEY

Serviço de Arqueologia, Universidade de Leicester

The King under the Carpark: Greyfriars, Leicester and the Search for Richard III.

Richard Buckley was the lead archaeologist for the Greyfriars project and co-director of University of Leicester Archaeological Services (ULAS), a commercial unit based within an academic department. He retired from ULAS in 2020 after 40 years service, specialising in complex urban sites whilst also working on investigations at Leicester Abbey and Leicester Castle.

Abstract

In August 2012, a team of archaeologists from the University of Leicester began investigations to locate the final resting place of England's last Plantagenet king, Richard III. Historical sources suggested that he had been buried in the of the church of the Greyfriars following the Battle of Bosworth in August 1485. The friary was thoroughly demolished in the 16th century and it was by no means certain that the king's remains had survived. However, against all odds, a skeleton was found in what was thought to be the choir of the church and subsequent scientific analysis suggested that beyond reasonable doubt these were the bones of Richard III.



JESSICA LIU

Instituto de Investigação Forense, Face Lab, Universidade John Moores, Liverpool

The Craniofacial Analysis of King Dinis.

Dr Jessica Liu is a Reader in Facial Anthropology, and she has been the project manager of the award-winning Face Lab since 2019. Her expertise includes facial depictions from skeletal remains, age progressions, post-mortem depictions, and facial image comparison for archaeological and forensic identification. She holds a PhD in Facial Identification from Liverpool John Moores University (2015-2018), along with a BSc (Hons) in Forensic Anthropology and an MSc in Forensic Facial Identification from the prestigious Centre for Anatomy and Human Identification (CAHID) at the University of Dundee (2009-2014). Jessica is a certified Level II Forensic Anthropologist, a Fellow of the Royal Anthropological Institute, a member of the British Association for Forensic Anthropology (BAFA), a member of the Forensic Anthropology Society of Europe (FASE), as well as the Hong Kong Forensic Science Society. She is also a Fellow of the Higher Education Academy (FHEA) and holds a Postgraduate Certificate in Learning and Teaching in Higher Education. Jessica has



presented at various national and international symposia. She is currently a member of the Board of Governors (since 2024) and served as secretary (2022-2024) of the International Association for Craniofacial Identification (IACI). Additionally, she co-leads the Continuing Professional Development working group for the MDVI COST action (since 2023). As a researcher within Face Lab, Jessica remains actively engaged in facial depictions from skeletal remains for archaeological and forensic identification.

Abstract

This presentation will describe the craniofacial analysis of King Dinis. Context will be provided in relation to the history, research and evaluation of the methodologies illustrated with examples of previous Face Lab archaeological and forensic cases. The presentation will describe the detailed analysis of the skeletal information and the prediction of facial features based on anatomical and anthropometrical standards. Finally the presentation will visually illustrate the process from skull to finished bust, including the addition of evidence relating to hair, skin and eye colours, hairstyle, facial hair, clothing and crown.



MARIA ANTÓNIA AMARAL

Património Cultural, IP

A Espada do Rei D. Dinis: Do Vestígio Material à Problemática da sua Interpretação Histórica.

Resumo

A espada de D. Dinis (1279-1325), exumada da sua arca tumular no Mosteiro de Odivelas, constitui uma peça excecional pela sua qualidade artística e pelo seu valor para o estudo do armamento medieval e das práticas funerárias régias. Representa um dos raríssimos exemplares, a nível internacional, proveniente de um contexto arqueológico controlado que fornece um terminus ante quem preciso para a sua cronologia. Embora o histórico do túmulo registasse várias perturbações e aberturas documentadas entre os séculos XVI e XX (incluindo em 1938), nenhuma das descrições históricas mencionava o artefacto.

A espada levanta diversas questões pertinentes no que concerne à sua origem, filiação tipológica, cronologia exacta, centros de produção metalúrgica e a escolha dos *regalia*.



FERNANDA BESSA

Instituto Superior de Agronomia da Universidade Lisboa

As madeiras e os vestígios das plantas do ataúde do Rei D. Dinis, são páginas de história.

Fernanda Maria Souto Bessa é Doutora em Engenharia Florestal pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, onde também obteve o Mestrado em Engenharia de Materiais Lenhocelulósicos e a Licenciatura em Engenharia Florestal. Investigadora no grupo ForTec, a sua atividade científica na tecnologia de produtos florestais foca-se na anatomia e identificação de madeiras nacionais e tropicais, dendrocronologia aplicada à datação de obras de

arte e estudos colorimétricos. Como Curadora de duas xilotecas integradas no *Index Xylariorum*, desenvolveu bases de dados taxonómicas e xilotecas eletrónicas, assumindo um papel na gestão de coleções científicas. Com vasta experiência como docente universitária em instituições nacionais e internacionais (Brasil, Moçambique e Cabo Verde). A sua carreira destaca-se pela intersecção entre tecnologia florestal, museologia e conservação e restauro. Especialista em comunicação de ciência, exerceu ainda funções como Coordenadora Educativa num Centro de Ciência, onde desenvolveu ferramentas de sensibilização e promoveu a literacia científica na sociedade.

Resumo

A investigação das madeiras e dos vestígios das plantas preservados no ataúde de D. Dinis, no Mosteiro de Odivelas, cruza a histologia vegetal com a história de Portugal. Este estudo estabelece uma ligação científica e simbólica única entre a realidade material da última morada do rei-poeta e o seu mítico cognome, “O Lavrador”, transformando tábuas de madeira degradada num documento vivo. O fundamento e a razão de ser deste trabalho centraram-se nas análises macro e microscópica das tábuas do ataúde, que ao longo dos séculos se deterioraram no interior do sarcófago de pedra. O objetivo principal foi identificar as espécies arbóreas utilizadas neste funeral medieval, desvendando se o monarca foi depositado numa estrutura de pinho, carvalho, castanho ou outra madeira. Para validar taxonomicamente o género e a espécie em causa, revelou-se também indispensável o papel das coleções de referência, nomeadamente xilotecas e laminoteca existentes. Caso os exames laboratoriais confirmassem a presença de madeiras nobres e densas, comprovava-se uma seleção deliberada de materiais de alta durabilidade, reservados à elite régia. Longe de ser encarado exclusivamente como um objeto arqueológico, o caixão em madeira assume-se hoje como um componente do património nacional. A anatomia da madeira estuda este “esqueleto vegetal” que envolveu o monarca, funcionando como um banco de dados detalhados. No fundo, estes fragmentos de madeira e resíduos de plantas proporcionam uma proveitosa leitura biológica e histórica da época, demonstrando a importância de abordagens interdisciplinares futuras que articulem a arqueobotânica, a história, a arqueologia e a ciência da conservação na investigação do património funerário medieval português.



MARIA DEL PILAR BARRIGÓN MONTAÑÉS

Departamento de Conservação, Direção das Coleções Reais do Palácio Real de Madrid
Estudo e investigação dos têxteis e do vestuário dos séculos XIII e início do século XIV através do panteão real do Mosteiro de Las Huelgas de Burgos.

Maria del Pilar Barrigón Montañés é Doutora em História pela Universidade Complutense de Madrid, com a tese *Vestir-se para a morte no panteão de Las Huelgas de Burgos: cultura têxtil na Castela plenomedieval. Um estudo do enxoval funerário de Afonso VIII e Leonor Plantagenet (†1214)*, distinguida com menção internacional e Prémio Extraordinário de Doutoramento. É membro do Corpo Facultativo de Conservadores de Museus, exercendo funções no Património Nacional (Palácio Real) desde 2008. Desde 2021, desempenha o cargo de chefe de serviço do Departamento de Conservação do Património Nacional, ocupando atualmente o lugar de chefe do Serviço de Artes Têxteis da mesma instituição. É conservadora do Mosteiro Real de Santa María de

Las Huelgas, em Burgos, e responsável pelas coleções de têxteis antigos (séculos XII–XVII), áreas que constituem o principal foco da sua produção científica.

Resumo

O Mosteiro de Santa María la Real de Las Huelgas de Burgos, fundado em 1187, funcionou como panteão de parte da família real castelhana entre os finais do século XII e o primeiro terço do século XIV. A sua exploração científica, realizada entre 1942 e 1944, revelou uma extraordinária coleção de têxteis e de vestuário medievais, exposta desde 1949 no próprio mosteiro. Nesta comunicação serão abordados os condicionalismos e a forma como tem sido desenvolvida a investigação sobre o enxoval funerário dos reis fundadores, Afonso VIII e Leonor Plantageneta, evidenciando a importância da conjugação da análise técnica com o estudo das fontes documentais para integrar estes têxteis no seu contexto histórico. Serão igualmente apresentados os grupos têxteis mais frequentes neste período.



ÁLVARO SOLER DEL CAMPO

Departamento do Património Nacional, Armaria Real do Palácio Real de Madrid

La espada del rey D. Dinis en el contexto europeo.

Álvaro Soler del Campo, Doctor en Historia Medieval por la Universidad Complutense de Madrid, es Jefe del Departamento de la Real Armería del Palacio Real de Madrid, perteneciente a Patrimonio Nacional, y académico Correspondiente de la Historia. Especialista en armamento medieval, ha publicado sobre el tema diversas monografías y artículos, así como colaboraciones en catálogos de exposiciones sobre la materia entre los siglos V y XIX. Galardonado con el Primer Premio Ejército de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades y la Research Medal de la Arms and Armour Society británica, es responsable del proyecto museológico de la Real Armería. También ha comisariado exposiciones internacionales sobre su especialidad y sobre las colecciones reales españolas en China, Estados Unidos, Portugal, México y España. Ha pertenecido igualmente a los comités científicos de diversas revistas, exposiciones y congresos, destacando entre ellas la codirección durante unos años de la revista *Gladius* (CSIC). Recientemente ha sido responsable de contenidos históricos, arqueológicos y audiovisuales de la Galería de las Colecciones Reales. Su actividad investigadora se centra actualmente en el proyecto arqueológico para la prospección del campo de batalla de las Navas de Tolosa, promovido por la Universidad de Jaén.

Resumen

El hallazgo de espadas reales medievales en enterramientos es un hecho excepcional. Paradójicamente constituye una de las bases para el estudio de este tipo de armas porque los escasos ejemplos conocidos proceden de enterramientos o de colecciones dinásticas, no existiendo otras halladas en contextos arqueológicos. La tipología y decoración de la espada de Don Dinis se enmarcan en los modelos extendidos por toda Europa en el la plena Edad Media, pero presenta rasgos de transición hacia modelos bajomedievales. En el contexto de las espadas reales conocidas tienen características comunes, pero también otros inéditos, por lo que es de gran interés para el estudio del armamento medieval. Por otra parte, es un rasgo distintivo que ostente las armas de la

casa real aragonesa como muestra de las relaciones entre reinos europeos, también patentes en otras espadas de procedencia real.



SOFIA WILTON TRINDADE

Câmara Municipal de Odivelas - GIPMO

“Ars longa, vita brevis”, Conservação e Restauro do túmulo de D. Dinis”

Sofia Wilton Trindade é Bacharel em Conservação e Restauro pela Escola Superior de Conservação e Restauro, com equivalência à Licenciatura pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (1994, 2023). Desde 1997 é sócia-gerente e faz parte da direção técnica da empresa K4, Gestão de património, lda, responsável pela intervenção de conservação e restauro nos túmulos de D. Dinis e do Infante. Atualmente é também conservadora-restauradora do Gabinete de Investigação e Promoção do Mosteiro de Odivelas, da Câmara Municipal de Odivelas (GIPMO-CMO).

Resumo

O tratamento de Conservação e Restauro dos Túmulos de D. Dinis e do Infante, iniciou-se em 2016, com o estudo prévio, que alavancou a segunda fase da intervenção em 2019, promovida pela Câmara Municipal de Odivelas, em articulação com a Direção-Geral do Património Cultural (atual Património Cultural, I.P). Esta previa uma intervenção de fundo no monumento, respeitando a especificidade desta obra enquanto património artístico, histórico, simbólico e de identidade nacional, mas sobretudo enquanto espaço fúnebre escolhido pelo rei para última morada. O estudo das técnicas de execução e as soluções para a abertura, prevenção e acompanhamento à conservação deste monumento e do seu espólio serão expostas, nesta apresentação.



MARIANA CARDOSO

MMP EPE – Laboratório José de Figueiredo

Investigação e caracterização de materiais para estudo, valorização e conservação da espada do Rei D. Dinis

Mariana Cardoso realizou os estudos de Licenciatura e de Mestrado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa em conservação e restauro da especialidade de metais. Foi bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia no período de 5 anos, na área dos metais/ourivesaria do então Departamento de Conservação e Restauro do Instituto dos Museus e da Conservação (atual Laboratório José de Figueiredo), e com formação temporária complementar na The Wallace Collection. Nos sete anos seguintes trabalhou como freelancer na área da conservação e restauro de metal, com ateliê e empresa própria, até à entrada em 2023 como técnica superior da área do metal do Laboratório José de Figueiredo da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

Resumo

Exumado do túmulo do rei D. Dinis, localizado no Mosteiro de São Dinis e São Bernardo, em

Odivelas, o conjunto de aparato constituído pela espada, bainha e cinto de bainha, destaca-se como um raro exemplar de uma arma cerimonial da monarquia medieval europeia, encontrado na sua forma original com todos os seus elementos constituintes, embainhada e com o cinto enrolado na parte superior. O avançado estado de degradação do conjunto de aparato aliado ao seu carácter compósito de diversidade de materiais (ferro, prata dourada, esmaltes, madeira e têxteis), bem como a complexidade das suas interações, requer uma abordagem integrada na metodologia da intervenção respeitando as especificidades dos vários elementos e materiais constituintes, o que tornam a sua conservação um projeto bastante desafiante. As limitações impostas pela sua fragilidade ao manuseamento, a existência de processos de degradação em curso e todas as particularidades do seu contexto levam a que qualquer ação conservativa seja objeto de ponderação e reflexão prévias, analisando-se diferentes perspetivas e abordagens, para se definirem as metodologias mais adequadas ao seu tratamento. Tendo isto em consideração, houve a necessidade de se realizarem diversos exames radiográficos e análises químicas de forma a sustentar as decisões que têm sido tomadas e obter mais informação sobre este excecional conjunto. Com a intervenção de conservação atualmente em curso, nesta comunicação apresentam-se e discutem-se os aspetos mais relevantes que têm surgido ao longo do processo.



PAULA MONTEIRO e MADALENA SERRO

MMP EPE – Laboratório José de Figueiredo

Lampassos com aves das vestes fúnebres do Rei D. Dinis

Paula Monteiro, Conservadora-Restauradora de têxteis, exerce funções no Laboratório José de Figueiredo – Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. no qual iniciou atividade profissional em 2001. Desenvolve projetos de investigação de Conservação e Restauro de têxteis participando em equipas pluridisciplinares, em ações sobre estudo e conservação do património têxtil, na instituição, em museus e noutras entidades públicas e privadas. Ingressa na Escola Superior de Conservação e Restauro de Lisboa, tendo-lhe sido atribuída em 1999 a certificação académica de Bacharelato em Conservação e Restauro, Pré – Especialização em Têxteis. Realiza em 1999/00, na condição de Bolseira do Ministério da Cultura de Portugal, um estágio extracurricular no Opificio delle Pietre Dure e Laboratori di Restauro – Settore Tessuti, em Florença. Em 2005, termina a Licenciatura em Conservação e Restauro pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (pré-Bolonha) – Universidade Nova de Lisboa e em 2010 obtém o Mestrado em Artes Decorativas na Universidade Católica Portuguesa, Escola das Artes, extensão de Lisboa. Acresce ao interesse sobre a conservação do património têxtil a análise de técnicas de produção e de decoração, em específico nas tecelagens.

Madalena Serro, Conservadora-Restauradora de Têxteis de têxteis desde 2006, ano em que concluiu a licenciatura em Conservação e Restauro, com especialização em Têxteis, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Em 2023 concluiu o mestrado na mesma área e instituição, apresentando um relatório de atividade profissional dedicado à discussão e avaliação de métodos de consolidação através da aplicação de camadas de proteção. Ao longo do seu percurso profissional, desenvolveu competências especializadas no estudo e

análise material, técnica e decorativa de têxteis, bem como na aplicação de novas abordagens metodológicas à sua conservação e restauro. Entre 2010 e 2015 colaborou com o Laboratório José de Figueiredo (LJF) no projeto de conservação dos fragmentos têxteis medievais provenientes do túmulo do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, no âmbito de uma Bolsa de Técnico de Investigação financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ao longo da sua carreira, coordenou equipas e foi responsável por intervenções de conservação e restauro de têxteis pertencentes a museus e a instituições públicas e privadas, destacando-se trabalhos realizados em bens classificados de Interesse Nacional. Possui igualmente experiência na integração de equipas pluridisciplinares dedicadas à intervenção em objetos compósitos. Desde dezembro de 2023 integra o Laboratório José de Figueiredo da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

Aquando da abertura do túmulo do Rei D. Dinis, em 9 outubro de 2019, a descoberta dos têxteis associados ao seu enterramento constituiu uma oportunidade privilegiada para o conhecimento do universo têxtil medieval, através da informação preservada nos próprios exemplares. Integrada numa equipa pluridisciplinar, a área de Conservação e Restauro de Têxteis do Laboratório José de Figueiredo desenvolveu uma metodologia faseada, com intervenções in situ, no laboratório de campanha e, posteriormente, nas instalações do LJF. Esta abordagem permitiu adaptar os procedimentos à extrema fragilidade dos materiais, assegurando a sua estabilização e integridade de dados cruciais para a investigação. A comunicação dará particular destaque à identificação e caracterização de um conjunto coordenado, associado ao corpo do rei, composto por quatro peças — “sobreveste”, manto, bonette e capuz. Propõe-se uma análise integrada da sua composição, das técnicas de corte, de confeção e de montagem bem como da sua ornamentação de modo a evidenciar a coerência do conjunto enquanto indumentária régia. Serão divulgadas informações técnicas relacionadas com os tecidos utilizados na confeção do conjunto em lampassos listrados, ornados com aves e motivos vegetalistas, onde prevalecem lâminas de substrato orgânico dourado entre fios de seda. A articulação entre a conservação e o estudo material e técnico permitiu reunir informação que contribuirá para futuras investigações sobre vestes fúnebres e seu entendimento no contexto social, cultural e histórico na sociedade medieval.

JOANA VARGE e SOFIA CORREIA DE MATOS

Projeto Museológico: Mosteiro de Odivelas, um Museu em Construção.



Joana Varge exerce funções como técnica superior no Gabinete de Investigação e Promoção do Mosteiro de Odivelas, da Câmara Municipal de Odivelas, nas áreas da História de Arte e Museologia. É mestre em Museologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa e licenciada em História da Arte e Património pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desenvolve trabalhos de investigação, inventariação e planeamento museológico para o futuro museu do Mosteiro de Odivelas e realiza trabalhos de pesquisa e investigação para o estudo e catalogação de obras de arte pertencentes ao espólio do Mosteiro de Odivelas. Colabora em vários projetos editoriais, integrou a organização do Seminário “Mosteiro de Odivelas, um museu em construção”, em 2023, tendo proferido comunicações subordinadas a estas temáticas, e integrou a coordenação técnica da exposição “Mosteiro de

Odivelas, um museu em construção”, no Refeitório das Monjas do Mosteiro de Odivelas. Foi coautora do artigo “«Consta-me que o encarregado da restauração do tumulo é o sr. Simões de Almeida» – As outras dimensões de Simões de Almeida”, do catálogo “Simões de Almeida (1844-1929) O Génio das Artes”, edição do Município de Figueiró dos Vinhos e proferiu a conferência “Diálogos da arte em Figueiró dos Vinhos. O caleidoscópio de Simões de Almeida: entre a prática da escultura e o ofício de Restaurador”, em colaboração com Maria de Aires Silveira e Sofia Wilton, no Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos.

Sofia Correia de Matos é licenciada em História e Mestre em Estudos Regionais e Autárquicos, com a dissertação “A colegiada de São Julião de Frielas: a organização do seu património fundiário do século XIV”, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente é doutoranda na mesma faculdade, em História Moderna, encontrando-se a preparar uma tese intitulada “Famílias e linhagens no Mosteiro de Odivelas. Origens sociais e redes de sociabilidade das monjas e conjunturas políticas no período da União Ibérica.”. Atualmente, é técnica superior da Câmara Municipal de Odivelas, onde ingressou em 1999, tendo desempenhado funções de coordenadora do Grupo de Trabalho para a Criação do Centro Interpretativo do Mosteiro de Odivelas e do Gabinete de Investigação e Promoção do Mosteiro de Odivelas de 2019 a setembro de 2026. Tem participado em congressos, seminários e mesas redondas com comunicações ligadas às temáticas desenvolvidas em torno das investigações do GIPMO, nomeadamente, nas várias vertentes e cronologias, quer aquando da ocupação religiosa, quer durante o período do Instituto de Odivelas. Acompanhou, desde o início, a implementação das atividades do Sétimo Centenário da morte do rei D. Dinis, em parceria com o Património Cultural I.P. e a Museus e Monumentos E.P.E.

Resumo

No âmbito do Projeto de Revitalização do Mosteiro de Odivelas, a decorrer no Gabinete de Planeamento Estratégico e Mobilidade Urbana (GPEMU), o Gabinete de Investigação e Promoção do Mosteiro de Odivelas tem vindo a desenvolver a musealização integrada deste monumento, refletindo a fundação e o crescimento do centro histórico de Odivelas, bem como a história e a vida quotidiana das instituições ali alojadas durante mais de sete séculos.

Este planeamento procura privilegiar as valências museológicas e patrimoniais existentes, quer do ponto de vista do património material, como também do património imaterial, que está associado ao Mosteiro de Odivelas, procurando a promoção e a valorização de todo o espaço monumental, reconhecendo o seu importante valor cultural e histórico enquanto referência identitária, e evocar a história e a memória das instituições que aqui habitaram ao longo dos seus séculos de existência. Nesse sentido, as investigações desenvolvidas abrangem as várias áreas de estudo, nomeadamente História, História de Arte, Arquitetura, Informática, Museologia, Antropologia, Arqueologia e Conservação e Restauro.

O percurso museológico irá integrar os atuais espaços conventuais, a igreja (túmulo de D. Dinis e túmulo do Infante), Casa do Capítulo, Claustros Novo e da Moura, Cozinha e Refeitório das Monjas, assim como a adaptação das antigas salas de estudo das alunas do Instituto de Odivelas a um projeto museográfico que se encontra em desenvolvimento. Prevê-se ainda a adaptação de antigas áreas do Instituto de Odivelas (IO) para a criação de reservas, centro de documentação e gabinete de conservação e restauro.

Nas áreas planeadas para a exposição permanente que se identificam ao longo desta comunicação, está previsto um local para a exibição do espólio exumado, que resultou da Intervenção dos túmulos de D. Dinis e do Infante. Pelo seu carácter excecional, o conceito museográfico visa contemplar as especificidades técnicas, nomeadamente soluções luminotécnicas, ambientais e de segurança, adequadas às necessidades de conservação deste espólio, que engloba diferentes tipologias. Encontram-se em preparação os requisitos técnicos para a adequada salvaguarda e exibição destes objetos, tendo em vista a fruição alargada a todos os tipos de públicos.